



Revista EaD &
tecnologias digitais na educação

Proposta de instrumento para avaliação linguística de estudantes Surdos¹: uma experiência a partir da docência no curso de Licenciatura em Letras Libras

Wenis Vargas de Carvalho (UDESC/UFGD)

<https://orcid.org/0000-0001-7276-9204>

weniscarvalho@ufgd.edu.br

Juliana Maria da Silva Lima (UFGD)

<https://orcid.org/0000-0003-1785-2819>

julianamaria@ufgd.edu.br

Resumo: Na atualidade, o ensino de Libras como L1 para surdos tem sido um desafio, ainda mais com a aprovação da modalidade de educação bilíngue de Surdos. Para isso, se faz necessário traçar estratégias que viabilizem esse processo de ensino-aprendizagem. Diante desse contexto, o presente artigo tem como objetivo apresentar uma proposta de instrumento para a avaliação linguística de estudantes Surdos, tendo como ponto de partida a experiência docente no curso de Licenciatura em Letras Libras. Para a realização deste estudo, utilizamos os pressupostos metodológicos da pesquisa-ação, de cunho qualitativo, a partir da Lei nº 14.191, de 03 de agosto de 2021, como marco regulatório e de publicações realizadas no campo da Surdez, especialmente sobre o ensino de Libras. Espera-se que, a partir de nossas considerações e da aplicabilidade do instrumento avaliativo, professores de Libras e licenciandos em Letras Libras possam obter informações que corroboram na construção de um planejamento direcionado às necessidades social, cultural e linguística dos estudantes Surdos.

¹ Nesse artigo optamos por utilizar o termo Surdo/Surda e Surdez com S maiúsculo devido a visibilidade das mobilizações políticas do movimento Surdo.

Palavras-chave: Avaliação Linguística. Ensino. Surdo. Libras.

Abstract: *Nowadays, teaching Libras as an L1 for deaf people has been a challenge, even more so with the approval of bilingual education for the deaf. To this end, it is necessary to devise strategies that make this teaching-learning process viable. Given this context, the aim of this article is to present a proposal for an instrument for the linguistic assessment of deaf students, based on the teaching experience of a degree course in Brazilian Sign Language. To carry out this study, we used the methodological assumptions of action research, of a qualitative nature, based on Law No. 14,191, of August 3, 2021, as a regulatory framework and publications carried out in the field of Deafness, especially on the teaching of Libras. It is hoped that, based on our considerations and the applicability of the evaluation tool, Libras teachers and Libras Literature undergraduates will be able to obtain information that corroborates the construction of a plan aimed at the social, cultural and linguistic needs of Deaf students.*

Keywords: *Language Assessment. Teaching. Deaf. Libras.*

1 INTRODUÇÃO

Para que se possa falar do processo de ensinar e aprender baseado nos aspectos da visualidade para sujeitos Surdos, ou da visualidade relacionada à escolarização desses sujeitos, é necessário, antes, discutir a importância do signo visual, caracterizando as necessidades específicas voltadas à visualidade como questão central da e na constituição destes sujeitos, entre outros aspectos significativos (Campello, 2008, p.85).

Com a promulgação da Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021, que dispõe sobre a alteração da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), institui a educação de Surdos, reconhecendo essa modalidade de ensino independente da educação especial.

A modalidade de educação bilíngue prevista nesta legislação, busca dar ênfase ao ensino da Libras como primeira língua (L1), e a Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua (L2). Nesse sentido, fica assegurado aos estudantes Surdos que esse processo ensino-aprendizagem aconteça por meio da Libras como língua de instrução.

De acordo com Quadros (2019), é comum identificarmos na primeira infância, crianças Surdas de famílias ouvintes que não sabem a Libras, essa ausência de língua evidenciará na escola “uma situação de aquisição bastante atípica” (Quadros, 2019, p. 157). Sobre isso, Quadros; Machado; Silva (2025), destacam que:

A aquisição da linguagem em crianças requer um ambiente que ofereça ‘input’ linguístico, ou seja, subsídios que incluam estruturas gramaticais da língua direcionadas à criança e, também, acessíveis a ela. Isso significa que a criança precisa ter acesso a um ambiente no qual estejam usando uma língua acessível a ela. Se a criança surda tiver isso na sua família ou na escola, ela vai adquirir a língua a qual ela está exposta. Normalmente a própria família, professores e outras crianças oferecem

o input necessário para a criança adquirir a linguagem (Quadros; Machado; Silva, 2025, p.184).

Tendo em vista a necessidade apresentada pelos autores, cabe à escola propiciar um ambiente linguístico adequado, considerando a condição física da pessoa Surda, o qual exigirá procedimentos sistemáticos e formais, pautados nos aspectos da visualidade dos inputs para serem adquiridas pelas crianças Surdas (Campello; 2008).

A partir desse cenário, a fim de instituir um parâmetro inicial para adequação à modalidade de educação bilíngue de Surdos, especificamente, sobre o ensino-aprendizagem da Libras como L1, tendo como princípio a experiência psicossocial e linguística da criança Surda. Dito isso, a questão é: como os professores de Libras/L1 têm avaliado o nível linguístico dos estudantes Surdos na Educação Básica?

Com o intuito de auxiliar os licenciandos em Letras Libras e os professores de Libras, o presente artigo propõe, de forma experimental, um instrumento para a avaliação linguística da língua materna³ dos educandos Surdos, que pode ser utilizado ao longo de sua escolarização. A construção inicial desta proposta, parte de nossas experiências enquanto docentes no curso de Licenciatura em Letras Libras, considerando que a maioria dos Surdos chega à escola sem uma língua definida. Diante disso, acreditamos que a partir dessa proposta, os professores de Libras sejam capazes de identificar a bagagem linguística de cada estudante, de forma a traçar um planejamento adequado ao seu nível linguístico.

Na trilha dessas reflexões, o presente artigo apresenta algumas considerações conceituais quanto à apropriação da Libras como L1, a escolarização dos estudantes Surdos, e por fim o processo ensino-aprendizagem da Libras na interface entre professor-aluno. Em seguida, tomamos os pressupostos metodológicos da pesquisa-ação, de cunho qualitativo (Gil, 2021), tendo como marco regulatório a Lei nº 14.191/2021 e de publicações realizadas no campo da Surdez, especialmente sobre o ensino de Libras, bem como a apresentação de uma proposta para avaliação linguística de estudantes Surdos, com enfoque na verificação de uma possível aplicabilidade.

2 APROPRIAÇÃO DA LIBRAS COMO L1

Se a língua de sinais é uma língua natural adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com pessoas que usam essa língua e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm o direito de ser ensinadas na língua de sinais. A proposta bilíngue busca captar esse direito (Quadros, 1997, p. 27).

² A visualidade supõe exercícios imagéticos semioticamente mediados, uma vez que não se realiza sem a presença de signos, ou seja, não se realiza como atividade direta dos órgãos dos sentidos. Pode constituir-se como discurso justamente pela possibilidade de ser produzida por signos e por produzir signos (Campello, 2008, p. 22).

³ A Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco trata-se de apenas uma língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade (Spinassé, 2006, p.5).

O excerto apresentado por Quadros (1997), expõe uma condição entre a aquisição da língua de sinais de forma natural e espontânea e o ensino sistematizado da língua oral pela pessoa Surda, logo essa teria o direito ao ensino na língua de sinais. Todavia, a máxima do senso comum é que toda criança Surda proveniente de família ouvinte somente será, na maioria das vezes, exposta a língua de sinais em espaços formais, como é o caso da escola. Essa condição leva-nos a considerar que o contato da pessoa Surda com a língua de sinais no ambiente escolar, geralmente tem como foco o processo ensino-aprendizagem dessa língua, de modo sistematizado e não instintivo, da mesma forma, o Surdo poderá se apropriar da Libras como L1 por meio do ensino formal.

Com a alteração da Lei 9.394/1996, onde inclui a educação bilíngue como modalidade de ensino para a escolarização de estudantes Surdos, desvinculada da educação especial na perspectiva inclusiva, acreditamos que o acesso e apropriação da Libras às pessoas Surdas, acontecerá de forma mais propícia diante do contato direto entre o aprendiz e a língua utilizada como mecanismo de instrução. Sobre isso, podemos afirmar que:

Art. 60-A. Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos (BRASIL, 2021).

No Brasil, o reconhecimento e a implementação da modalidade de educação bilíngue de Surdos têm sido o resultado de esforços do movimento político da comunidade Surda⁴ desde os anos 80. Apesar desses avanços em prol desse público específico, deparamos com outros fatores que têm impactado diretamente o processo de ensino-aprendizagem, especialmente na apropriação da Libras como L1.

Historicamente, a educação de Surdos é um tema complexo, apresenta uma série de limitações e dificuldades incorporadas em três abordagens educacionais (oralismo, comunicação total e bilinguismo) e que até hoje coexistem (Lacerda, 1998). Os autores (Quadros, 1997; Skliar, 2005; Lodi, 2013) afirmam que há várias experiências de educação bilíngue, tanto no país como em outros países, contudo, essas práticas pedagógicas ainda insistem em reproduzir “um modelo de reparação e de tratamento da pessoa surda” (Quadros; Machado; Silva, 2025, p. 207).

Dentre as dificuldades vivenciadas na educação de Surdos, está o desconhecimento que alguns profissionais apresentam sobre a complexidade que envolve a Libras, as possibilidades e as experiências visuais que seus falantes podem ter através dela. De acordo com Quadros; Machado; Silva (2025), trata-se de uma língua que por vezes é estereotipada e inferiorizada quando comparada às línguas orais, principalmente devido a sua modalidade visuoespacial. Essa modalidade linguística emprega um canal de co-

⁴ Entende-se por comunidade Surda um grupo de pessoas Surdas e ouvintes engajadas nos movimentos em prol de melhorias a favor dos direitos da pessoa Surda.

municação diferente das línguas orais-auditivas, a visão e o espaço, sendo acionado na forma produtiva (expressiva) como receptiva (compreensão).

De modo generalista, é comum, no ensino da Libras a utilização de práticas pedagógicas que envolvem de forma errônea o recurso da datilologia, também conhecido como soletração, alfabeto manual, e alfabeto datilológico, como elementos pertencentes à língua cuja modalidade é visuoespacial. Quanto ao uso desse recurso, é importante destacar que este é uma representação ortográfica da Língua Portuguesa (Quadros; Karnopp, 2004), enquanto um empréstimo linguístico, e não da Libras.

A datilologia é muito utilizada pelos Surdos e sinalizantes da Libras no Brasil. É o alfabeto manual usado para expressar nomes de pessoas, localidades, termos de outras línguas e termos que não apresentam um sinal-termo correspondente na Libras (Castro Júnior; Faustich; Prometi; Francisco, 2023, p. 137).

O fragmento apresentado acima revela elementos verossímeis para refletirmos sobre a necessidade da oferta de formação inicial e continuada para professores atuarem no ensino da Libras, considerando que a área da Surdez tem despertado interesse a muitos profissionais da educação que veem nesse campo, uma possibilidade de emprego. Além do mais, no conhecimento do senso comum, cujo discurso incide na perspectiva da maioria dos professores regentes por acreditarem que o professor de Libras terá algumas vantagens como o reconhecimento por atuar com uma língua de modalidade diferenciada e por ora romantizada; um ambiente marcado pelo discurso da inclusão, no qual a condição sensorial se torna secundária aos possíveis déficits; o atendimento a um número reduzido de estudantes Surdos; e ainda, exigindo uma carga horária menor para dedicação ao planejamento e à avaliação.

A proposta deste estudo surge para desmistificar essa visão distorcida sobre a educação de Surdos e, de alguma maneira, contribuir para a qualificação tanto da formação dos licenciandos em Letras Libras, quanto para o ensino dessa língua de sinais. Em relação ao exposto, o Decreto 5.626/2005, durante um período de 10 (dez) anos garantiu a oferta do Exame Nacional para Certificação de Proficiência na Libras (PROLIBRAS), em caráter de urgência de uma demanda específica, sendo avaliado de cada candidato, a fluência no uso, o conhecimento e a competência para o ensino dessa língua. Levando em conta que essa certificação, a princípio de nível médio para instrutor e superior para docente até 2012, abarcou profissionais habilitados com formação em diferentes áreas de conhecimento, com o fim da vigência deste período de certificação passou-se a exigir a formação específica, conforme salienta:

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Em 2006, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com mais 9 (nove) instituições de ensino superior conveniadas e o Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação à Distância, deu início a oferta de formação em nível superior com o curso de graduação de licenciatura plena em Letras Língua Brasileira de Sinais - Libras (Quadros; Stumpf, 2009).

Em 2011, ocorreu a formatura dos alunos do Curso de 2006 nos nove polos onde o Curso foi ofertado. Segundo dados do curso formaram-se em todo o Brasil 376 alunos com habilitação para o ensino da Língua Brasileira de Sinais. Na segunda edição do Letras/Libras (2008), na modalidade à distância, são 389 alunos no curso de licenciatura e 342 alunos no bacharelado (Dall’Alba e Sartuti, 2014, p. 5).

Atualmente, essa formação tem sido ofertada por outras universidades públicas e privadas (Rocha; Cunha; Rodrigues; Denardin, 2024), todavia, entendemos que diante do perfil dos egressos desses cursos para além de atuar como professores de Libras como L1 para surdos e como L2 (segunda língua) para ouvintes, é recomendável que esse profissional habilitado para o ensino dessa língua de sinais mantenha contato permanente com falantes da Libras, com Surdos de diferentes idades e comunidade Surda no geral, para aprimoramento da aprendizagem e fluência na comunicação. Apesar de considerarmos esse o percurso formativo ideal, destacamos que geralmente os processos seletivos para contratação desses profissionais nas esferas municipais, estaduais e federais, ainda possibilitam que licenciados em outras áreas de conhecimento ocupem esses espaços, fato esse que possivelmente desencadeiam em práticas pedagógicas inadequadas para o ensino, bem como a violações de direitos do estudante Surdo ao acesso e uso dessa língua, conforme prescrito no artigo 15, do Decreto nº 5.626/2005.

A situação apresentada é um dos pilares que acreditamos interferir diretamente na apropriação da Libras, especialmente aos estudantes Surdos, pois para além desta, deparamos-nos com uma gama de elementos que têm influenciado no processo ensino-aprendizagem como um todo, dentre eles, a escassez de materiais pensados na condição linguística dos estudantes Surdos, a ausência da língua no ambiente escolar, a falta de fluência linguística dos professores para ensinar a Libras, estudantes Surdos isolados em escolas distantes sem contato com os seus pares linguísticos, e por fim, a falta ou baixa participação da família, de professores, gestores, da comunidade escolar ao qual o estudante Surdo está vinculado e até mesmo dos Surdos, nos movimentos políticos da própria comunidade.

Línguas não se aprendem em cursos de curta duração, mas em anos de trabalho e contato com a segunda língua. A língua de sinais é, de fato, a segunda língua para esses professores e intérpretes e as consequências desse processo – satisfatórias ou não – de contato com a língua aprendida artificialmente encontram-se refletidas diretamente no desenvolvimento dos alunos surdos na escola (Quadros et al., 2006, p. 150).

Segundo Quadros (2018), uma pesquisa realizada pelas autoras Neves e Quadros (2018), constatou que de 861 Surdos brasileiros, 44% declararam ter adquirido a Libras no contexto escolar, ou seja, aprenderam a língua com o professor ou intérprete de Libras. Diante desse contexto, enfatizamos sobre a importância do cuidado docente para com esse público ao se dispor para atuar no ensino da Libras. Em consonância com as autoras, na perspectiva freireana, é necessário incidir no processo ensino-aprendizagem “ [...] planejado de forma dialógica em acordo com as especificidades e interesses dos alunos, ou seja, eles devem ser o foco principal da educação (Taligliatti; Tedesco, 2023, p. 85).

3. PROPOSTA DE INSTRUMENTO PARA AVALIAÇÃO LINGÜÍSTICA DE ESTUDANTES SURDOS

O uso da Libras nas escolas começou a ser difundido, mas muitos embates foram travados sobre essa utilização. A Libras é uma língua viva, ampla e dependente de domínio para interações significativas entre os profissionais e os estudantes Surdos tendo em vista o desenvolvimento e a fluência (Taligliatti; Tedesco, 2023, p. 87).

A construção de um instrumento para avaliação lingüística de estudantes surdos (Quadro 1), parte de nossa inquietação durante as aulas ministradas no curso de Licenciatura em Letras Libras, onde percebemos as limitações e dificuldades dos discentes sobre o desenvolvimento das práticas pedagógicas para o ensino da Libras como L1, destinado ao educando Surdo.

O presente estudo dedica-se a contribuir não apenas para a produção científica, mas também está direcionado à ação social (Gil, 2021). Para isso, recorre-se aos pressupostos metodológicos da pesquisa qualitativa, a partir da ideia de “ [...] estudar o tópico dentro de seu contexto, lidando com as particularidades e, mediante revisões contínuas dos achados, chegar à sua compreensão” (Gil, 2021, p. 21). Dito isso, tem-se portanto uma pesquisa-ação cujas “características situacionais, já que procura diagnosticar um problema específico numa situação específica, com vistas a alcançar algum resultado prático” (Gil, 2021, p. 53).

Em conformidade com Gil (2021), Thiollent (1986) define que a pesquisa-ação deve acontecer a partir dos seguintes objetivos:

a) Objetivo prático: contribuir para o melhor equacionamento possível do problema considerado como central na pesquisa, com levantamento de soluções e proposta de ações correspondentes às "soluções" para auxiliar o agente (ou ator) na sua atividade transformadora da situação. É claro que este tipo de objetivo deve ser visto com "realismo", isto é, sem exageros na definição das soluções alcançáveis. Nem todos os problemas têm soluções a curto prazo. b) Objetivo de conhecimento: obter informações que seriam de difícil acesso por meio de outros procedimentos, aumentar nosso conhecimento de determinadas situações (reivindicações, representações, capacidades de ação ou de mobilização, etc.) (Thiollent, 1986, p.18).

A partir dos tipos de objetivos da pesquisa-ação, propostos por Thiollent (1986), espera-se que o instrumento avaliativo possa auxiliar os professores de Libras na identificação da competência lingüística de seus estudantes Surdos, de maneira que, a partir das informações coletadas através do instrumento, esses profissionais sejam capazes de refletir e buscar caminhos que auxiliem nas práticas pedagógicas favorecendo o desenvolvimento lingüístico do seu alunado, corroborando com a afirmação: “Práticas homogêneas pensadas e elaboradas para alunos Surdos provavelmente não serão eficazes quando se trata de um grupo de pessoas heterogêneas que fazem parte de uma cultura própria” (Taligliatti; Tedesco, 2023, p. 87).

Diante das discussões acima, apresentamos a proposta de um instrumento para avaliação lingüística dos Surdos, pensada para além da experiência profissional dos autores, surgiu de uma demanda apresentada pelos gestores da educação de Surdos da rede

municipal de ensino, localizada em um município do estado de Mato Grosso do Sul (MS). Nesse sentido, o instrumento possui os seguintes eixos: 1) dados dos estudantes, a fim de conhecer melhor o estudante, o contexto familiar e a(as) forma(s) de comunicação(ões) utilizada(s) no seu cotidiano; 2) escolarização, busca-se conhecer a conjuntura escolar do estudantes Surdo, especialmente se há apoio de acessibilidade, aprimoramento linguístico e socialização entre o educando e a comunidade escolar e vice-versa; 3) informações linguísticas, pretende-se identificar o conhecimento do estudante Surdo sobre a Libras. Esta etapa avaliativa é de extrema importância, pois acreditamos que apesar do professor regente, geralmente, no início do ano letivo desenvolve avaliações diagnósticas para identificação dos conhecimentos dos estudantes sobre os conteúdos destinados à série a qual estão vinculado, esse instrumento é estritamente direcionado às especificidades linguísticas do estudante Surdo, podendo através dele, compreender de modo mais específico a realidade linguística e escolar dos mesmos.

Cabe ressaltar, que para cada eixo é destinado um campo para anotações extras, das informações as quais não foram contempladas nos itens do instrumento avaliativo, ou outras que os professores responsáveis pela aplicação julgarem relevantes. E ainda, recomendamos que em caso de intervenção pré-avaliação, toda comunicação seja realizada através da Libras como língua de instrução, conforme previsto na Lei nº 14.191/2021.

Quadro 1 – Instrumento para Avaliação Linguística de Estudantes Surdos

| | | |
|---|--|--|
| 1. DADOS DO/A ESTUDANTE | | |
| 1.Nome do/a Estudante: _____ Idade _____ Surdo/a () DA () CID: _____ | | |
| 2.Nome dos Pais/Responsáveis: _____ _____ _____ _____ _____ _____ Surdo/a () Ouvinte () _____ _____ _____ Surdo/a () Ouvinte () | | |
| 3.Possui parentesco Surdo/a: Sim () Não () | | |
| 4. O/A estudante se reconhece como uma pessoa Surda e/ou DA? Sim () Não () | | |
| 5. Qual o meio de interação e comunicação do/a estudante? () Apontamentos () Sinais caseiros () Oralização () Oralização e Sinalização simultânea () Fluente em Libras | | |
| Observação (espaço destinado para registro de outras observações que achar necessário) | | |
| 2. DADOS ESCOLARES | | |
| 1.Nível de Ensino: Educação Infantil () Informações: _____ Ensino Fundamental - Anos Iniciais () Ano: _____ Ensino Fundamental - Anos Finais () Ano: _____ | | |
| 2.Participa do Atendimento Educacional Especializado? Sim () Não () | | |
| 3. O atendimento Educacional Especializado é ofertado em Libras? Sim () Não () | | |
| 4. É acompanhado por um profissional tradutor/intérprete de Libras: Sim () Não () | | |
| 5. Na escola há presença de outras pessoas Surdas: Sim () Não () Quantos? _____ Estudante? Sim () Não () Profissional da escola? Sim () Não () | | |
| 6. Há o ensino-aprendizagem de Libras para o estudante na escola? Sim () Não () | | |
| 7.Há socialização entre os estudantes Surdos? Sim () Não () | | |
| 8.Há socialização dos/as estudantes ouvintes com o/a estudante Surdo/a? Sim () Não () | | |
| 9.Há socialização dos/a profissionais da escola com o/a estudante surdo/a? Sim () Não () | | |
| Observações (espaço destinado para descrever caso a resposta de um dos itens 2 a 7 forem positivas) | | |
| 3. INFORMAÇÕES LINGÜÍSTICAS | | |
| 1. O/A estudante reconhece seu nome (sinal) em Libras? Sim () Não () | | |

| |
|--|
| 2. O/A estudante reconhece quando é questionado o seu nome em Libras? Sim () Não () |
| 3. O/A estudante reconhece quando é questionado sobre algum familiar em Libras? Sim () Não () |
| 4. O/A estudante reconhece os cumprimentos simples em Libras, como: oi/olá; Bom dia; Boa tarde; Boa noite; Tudo Bem? Sim () Não () |
| 5. O/A estudante reconhece as cores primárias em Libras? Sim () Não () Se a resposta for sim, qual/quais? |
| 6. O/A estudante reconhece as cores secundárias em Libras? Sim () Não () Se a resposta for sim, qual/quais? |
| 7. O/A estudante reconhece os animais em Libras? Sim () Não () Se a resposta for sim, qual/quais? |
| 8. O/A estudante reconhece as personalidades do contexto familiar em Libras? Sim () Não () Se a resposta for sim, qual/quais? |
| 9. O/A estudante reconhece as frutas em Libras? Sim () Não () Se a resposta for sim, qual/quais? |
| 10. O/A estudante reconhece objetos do seu cotidiano em Libras? Sim () Não () Se a resposta for sim, qual/quais? |
| 11. O/A estudante demonstra interesse por alguma temática específica? Sim () Não () Se a resposta for sim, qual/quais? |
| 12. O/A estudante demonstra interesse por alguma personalidade Surda? Sim () Não () Se a resposta for sim, qual/quais? |
| 13. O/A estudante demonstra interesse por alguma personalidade ouvinte? Sim () Não () Se a resposta for sim, qual/quais? |
| 14. O/A estudante já teve contato com algum gênero literário em Libras? Sim () Não () Se a resposta for sim, qual/quais? |
| 15. Houve interação do/a estudante com o gênero literário em Libras? Sim () Não () |
| 16. O/A estudante reconhece, organiza imagens, e contextualiza em Libras? Sim () Não () |
| 17. O/A estudante reconta histórias em Libras? Sim () Não () |
| 18. O/A estudante reconhece os parâmetros que formam os sinais? Sim () Não () |
| 19. O/A estudante tem noção do uso do espaço no momento da sinalização? Sim () Não () |
| 20. O/A estudante tem conhecimento das configurações de mãos? Sim () Não () |
| 21. O/A estudante compreende as informações no momento de interação? Sim () Não () |
| 22. O/A estudante realiza leitura de materiais impressos sinalizando ao mesmo tempo? Sim () Não () |
| 23. O/A estudante diferencia uma interação que envolve perguntas e respostas em Libras? Sim () Não () |
| 24. O/A estudante tem conhecimento de construções sintáticas simples em Libras? Sim () Não () |
| 25. O/A estudante é estimulado para aquisição do vocabulário (linguagem compreensiva e/ou expressiva), atenção e percepção visual? Sim () Não () |
| 26. O/A estudante produz narrativas simples em Libras? Sim () Não () |
| 27. O/A estudante produz narrativas complexas em Libras? Sim () Não () |
| 28. O/A estudante usa o recurso da datilologia durante a sua comunicação em Libras? Sim () Não () |
| 29. O/A estudante compreende as propostas pedagógicas apresentadas conforme o nível de ensino que está matriculado? Sim () Não () |
| 30. O/A estudante compreende narrativas informais (brincadeiras, piadas, metáforas, entre outros)? Sim () Não () |
| 31. O/A estudante distingue narrativas informais e formais? Sim () Não () |
| 32. O/A estudante consegue interagir em Libras (formular perguntas e respostas)? Sim () Não () |
| 33. O/A estudante interage com a comunidade surda (associação, eventos, entre outros)? Sim () Não () |
| 34. O/A estudante apresenta habilidades comunicativas influenciadas pelo uso da Libras (se houve ocorrência na modalidade visuoespacial, oral-auditiva ou bimodal)? Sim () Não () |
| 35. O/A estudante apresenta habilidades comunicativas influenciadas pelo uso do português (se houve ocorrência na modalidade visuoespacial, oral-auditiva ou bimodal)? Sim () Não () |
| 36. O/A estudante faz uso adequado do espaço de sinalização (formas pronominais usadas com referentes presentes ou ausentes)? Sim () Não () |

37. O/A estudante distingue vocábulos com formas derivadas (verbo e substantivo)? Sim () Não ()

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

Entendemos que com este instrumento avaliativo os professores de Libras serão capazes de desenvolver práticas pedagógicas que englobam todos os elementos específicos das línguas de sinais, conforme Quadros (2019, p. 158):

- a) o uso do espaço gramatical, que inclui o estabelecimento nominal;
- b) o sistema verbal;
- c) as mudanças na direção dos olhos e do corpo;
- d) as modulações dos sinais;
- e) o uso de classificadores;
- f) as marcas temporais.

O acesso à Libras é um direito garantido da pessoa Surda (BRASIL, 2002; 2005; 2015; 2021). “Esse reconhecimento efetivo é o que possibilitará avanços em práticas linguisticamente diferenciadas, por meio da produção de materiais *em* Libras e não originados em português e traduzidos *para* a Libras” (Lopes; Thoma, 2013; Pagni; Martins, 2019). Nessa direção, defendemos que a partir de uma postura que efetive não apenas o reconhecimento, mas uma aprendizagem significativa a partir da perspectiva Surda, que promova o conhecimento e o reconhecimento de si, de sua identidade e cultura através da Libras.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As provocações apresentadas neste artigo, conforme mencionado anteriormente, justificam a elaboração do instrumento para avaliação linguística da Libras destinada às crianças Surdas da educação infantil e aos estudantes Surdos matriculados nos anos iniciais e finais do ensino fundamental.

Considerando que este escrito parte de nossas experiências no curso de Licenciatura em Letras Libras e da colaboração solicitada para atender as demandas específicas da educação de Surdos, pelos gestores da rede municipal parceira. Enfatizamos que todo o processo de construção do instrumento foi marcado pela consultoria e validação de um professor Surdo para que seja aplicado posteriormente nesses espaços educacionais.

Com intuito de auxiliar também os discentes da Licenciatura em Letras Libras, pretendemos oportunizar que esse instrumento avaliativo seja aplicado durante as possíveis práticas pedagógicas desenvolvidas ao longo do curso, além de propiciar através dele, reflexões e melhorias para o desenvolvimento de soluções e transformações na vida social, cultural e linguística dos estudantes Surdos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, 2015, Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 30 de mai. 2025.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 29 mai. 2025.

BRASIL. Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União, Brasília, 04 de agosto de 2021. Seção 1, p. 1. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.191-de-3-de-agosto-de-2021-336083749>. Acesso em: 30 de mai. 2025.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 29 mai. 2025.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. Aspectos da Visualidade na Educação de Surdos. 245 f. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-graduação em Educação, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91182>. Acesso em: 30 mai. 2025.

CASTRO JÚNIOR, Gláucio de; FAULSTICH, Enilde; PROMETI, Daniela; FRANCISCO, Gildete da S. Amorim Mendes. Gramática da datilologia em Libras. Peer Review, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 135–150, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.53660/221.prw302>. Acesso em: 28 mai. 2025.

DALL'ALBA, Carilissa; SARTURI, Cláudia de Arruda. Letras/Libras: curso superior inédito da América Latina. Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade, Petrópolis, e. 14, p. 1-13, set. 2014.

GIL, Antonio Carlos. Como fazer pesquisa qualitativa. Rio de Janeiro: Atlas, 2021. E-Book. ISBN 9786559770496. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559770496/>. Acesso em: 30 mai. 2025.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. Cadernos CEDES, v. 19, n. 46, p. 68–80, set. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/wWScZsyPfR68rsh4FkNNKyr/>. Acesso em: 28 mai. 2025.

LODI, Ana Cláudia Balieiro. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05. Educação e Pesquisa, v. 39, n. 1, p. 49–63, jan. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013000100004>. Acesso em: 30 mai. 2025.

LOPES, Maura Corcini; THOMA, Adriana da Silva. Subjectivation, normalisation et constitution de l'éthos sourd: Politiques publiques et paradoxes contemporains. La Nouvelle Revue de l'Adaptation et de la Scolarisation, (64), 2013, p. 105-116. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-la-nouvelle-revue-de-l-adaptation-et-de-la-scolarisation-2013-4-page-105.htm>. Acesso em 29 mai. 2025.

NEVES, Bruna Crescêncio; QUADROS, Ronice Müller de. Indicadores sociolinguísticos do Inventário Nacional da Libras: o perfil dos usuários e a questão da aquisição da língua de

sinais. Artigo completo publicado nos Anais do III Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/index?page=2>. Acesso em: 30 mai. 2025.

PAGNI, Pedro Angelo; MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira. Corpo e expressividade como marcas constitutivas da diferença ou do ethos surdo. *Revista Educação Especial*, [S. l.], v. 32, p. e88/ 1–21, 2019. DOI: 10.5902/1984686X38222. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/38222>. Acesso em: 30 mai. 2025.

QUADROS, Ronice Müller de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de. Libras. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. São Paulo: Artmed, 2007.

QUADROS, Ronice Müller de; MACHADO, Rodrigo Nogueira; SILVA, Jair Barbosa da. Introdução ao estudo da Libras. São Paulo: Contexto, 2025.

QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi. O primeiro curso de graduação em Letras Língua Brasileira de Sinais: educação a distância. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p. 169–185, 2009. DOI: 10.20396/etd.v10i2.984. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/984>. Acesso em: 29 mai. 2025.

QUADROS, Ronice; LILLO-MARTIN, Diane; PICHLER, Deborah. *Libras*. São Paulo: Parábola, 2006.

ROCHA, Luiz Renato Martins; CUNHA, Alexandra Maria da; RODRIGUES, Marcelo; DENARDIN, Jaqueline Angelo dos Santos. Um panorama dos cursos de graduação em Letras-Libras após uma década da primeira turma formada (2011-2021). *Web Revista Sociodiaeto*, [S. l.], v. 13, n. 39, p. 1–19, 2024. DOI: 10.61389/sociodiaeto.v13i39.8189. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/sociodiaeto/article/view/8189>. Acesso em: 30 mai. 2025.

SKLIAR, Carlos. A surdez: um olhar sobre as diferenças. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. *Revista Contingência*, v.1, novembro, p.1-10, 2006.

TALIGLIATTI, Queila Érica; TEDESCO, Simoni. Interseccionalidade e surdez: reflexões sobre a importância de práticas pedagógicas com surdos. *Revista Arqueiro*, n. 44, vol. 1, jan-jun de 2023. Rio de Janeiro: INES. p. 85-94. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-arqueiro/issue/view/153/143>. Acesso em: 30 mai. 2025.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.